

AINDA FERDINAND DE SAUSSURE?

Marlene Teixeira¹

Cassiano Ricardo Haag²

marlenet@unisinós.br

cassiano_rhaag@yahoo.com.br

A partir dos anos 70, o esforço de diferentes correntes da lingüística faz-se no sentido de contemplar a “exterioridade” que Saussure teria deixado de lado no ato fundador da lingüística, e que aparece “sob diversas formas – situação, contexto, referente, locutor, enunciador, sujeito falante, atos de linguagem, poder das palavras, etc”³. Proliferam gramáticas de texto, trabalhos em lingüística pragmática e enunciativa, pesquisas sociolingüísticas, além de diferentes funcionalismos sócio-psicologistas, inscritos na linha das “sociologias da linguagem”.

Pode soar estranho, então, que *ReVEL* dedique um número a Saussure, nesses tempos de franca reação contra o “fascínio” pelos formalismos – tanto de tipo estruturalista como gerativista. Pode parecer ainda mais estranho que esse número não tenha o propósito de meramente prestar homenagem a um pensador pelos indiscutíveis avanços trazidos ao campo da lingüística, com grande repercussão nas ciências humanas. Pelo contrário, os artigos que constituem este número atestam que o ensino de Saussure se mantém vivo, interrogando e apontando direções para a compreensão da linguagem.

É interessante destacar que talvez nenhum intelectual tenha sido capaz de influenciar o espectro das ciências humanas de maneira tão decisiva sem nunca ter escrito algo semelhante a uma obra. O ensino de Saussure se fez e continua a se fazer por caminhos nada convencionais.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

² Formado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

³ PÉCHEUX, Michel. Sur les contextes épistémologiques de l’analyse de discours. *Mots*, n. 9, 1984, p.8.

O livro que o tornou célebre, *Curso de Lingüística Geral* (CLG), foi escrito a partir de anotações de alunos de seus três cursos (1907 a 1911) e de notas autográficas do próprio Saussure, editado e publicado por Bally e Sechehaye nos primeiros meses do ano de 1916, três anos após a morte de Saussure. Colaborou também para a publicação da obra Albert Riedlinger que, embora não tenha participado diretamente do trabalho dos editores, por ter assistido com regularidade às aulas de Saussure entre 1907 e 1912, pôde trazer contribuição importante, através de seus cadernos, de lembranças precisas e de um conhecimento muito seguro dos ensinamentos do mestre.

O CLG não é a publicação parcial ou integral dos manuscritos, mas uma “reconstrução, uma síntese da doutrina saussuriana”, como explicam, no prefácio, os próprios editores. Ou seja: Bally e Sechehaye não publicaram em bruto todas as anotações, nem seguiram a ordem dos cursos. Os editores acrescentaram comentários e esclarecimentos seus aos pontos que consideravam obscuros. Esse procedimento, cheio de possibilidades de equívoco, acabou por produzir uma obra fundamental, fonte da influência e da reputação de Saussure. Dificilmente se poderia imaginar o retorno de J. Lacan a S. Freud, a antropologia de C. Lévi-Strauss, o marxismo de L. Althusser e a semiologia de R. Barthes sem as reflexões pioneiras do Saussure do CLG. A notoriedade de Saussure deve-se, pois, a um livro que ele nunca escreveu.

Robert Godel inicia a fase de pesquisa exegética de Saussure. A partir da publicação das *Fontes manuscritas*⁴, complementadas pela edição crítica de Rudolf Engler (1968-1974) e pela descoberta dos *Anagramas*⁵, institui-se uma clivagem nos estudos saussurianos entre: ao lado daqueles que reconhecem o CLG como obra primordial, fundadora de uma ciência, colocam-se os que consideram o CLG como “deformação” do pensamento de Saussure⁶. Esses últimos criticam os editores por imprimirem um viés programático, estranho às reflexões ricas e hesitantes do mestre, apresentando um pensamento que estava em construção como obra acabada. Realimenta-se, a partir das edições críticas, o debate em torno do pensamento do mestre.

⁴ GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*. Genebra: Librairie Droz, 1957. Contém manuscritos inéditos de Saussure e de outros alunos, não contemplados na edição de 1916.

⁵ Estudando o verso saturnino, Saussure desenvolveu a teoria de que os poetas latinos haviam ocultado, deliberadamente, anagramas de nomes próprios em seus versos. Acreditava ter descoberto um sistema suplementar de signos, um conjunto especial de convenções para a produção de significado, e preencheu muitos cadernos com observações sobre os vários tipos de anagramas que descobriu. Os inúmeros cadernos em que ele registrou sua pesquisa foram cuidadosamente mantidos em segredo pela família e somente em 1964 Jean Starobinski os publicou parcialmente em: STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras* (Os Anagramas de Saussure). In: *Os Pensadores* São Paulo: Abril Cultural, 1978.

⁶ NORMAND, Claudine. *Saussure*. Paris: Les Belles Lettres, 2000.

Bem mais recentemente, publicaram-se *Os Escritos de Lingüística Geral*⁷, obra que contém o rascunho de um livro de Saussure que deveria se intitular: “Da dupla essência da linguagem”, descoberto em 1996 em sua antiga residência, além de notas que haviam aparecido na forma de apêndices às edições críticas do CLG organizadas por Engler em 1968 e 1974. Nessa obra, o programa científico do mestre aparece de forma menos categórica do que no livro de 1916, podendo-se afirmar que o viés programático dá lugar ao pensamento filosófico. Reacende-se mais uma vez a discussão em torno das idéias de Saussure.

Este número de **ReVEL** vem, exatamente, testemunhar a vitalidade de um ensino⁸ que não cessa de produzir ressonâncias.

Com um texto envolvente, Magali Endruweit discute a (aparente) exclusão da escrita nos estudos saussurianos. A autora parte da observação de que Saussure seria herdeiro do pensamento de Rousseau, herdeiro que não apenas aceita sua herança, mas a refaz para mantê-la viva (p. 13). Endruweit mostra que o pensador genebrino, embora tenha de ter operado a exclusão da escrita de seus estudos a fim de adequar-se ao ideal de cientificidade da época, incluiu em suas investigações considerações sobre a escrita.

Raquel Basílio da Cunha discute a importância da noção de valor na discussão sobre a relação significante-significado iniciada por Saussure. A abordagem da autora mostra essa relação não como dicotômica, mas sim, dialética, complexa e deslizando.

A contribuição de Bruno Oliveira Maroneze promove uma releitura do CLG no que se refere às concepções dos processos de formação de palavras propostos por Saussure. Maroneze investiga, de forma bastante perspicaz, a influência, mesmo que não reconhecida, da obra saussuriana nos atuais estudos morfológicos. O autor mostra que, apesar de terem sido relegadas pelo próprio Estruturalismo, as proposições do autor genebrino são compatíveis com algumas vertentes de estudos morfológicos surgidas na segunda metade do século XX, como a Lingüística Gerativa e a Lingüística Cognitiva.

⁷ SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de lingüística geral*. BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf (orgs.). São Paulo: Cultrix, 2002.

⁸ Além das obras já citadas, constituem o ensino de Saussure: ENGLER, Rudolf. *Cours de Linguistique Générale*, edição crítica. Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1968, t. I.; ENGLER, Rudolf. *Cours de Linguistique Générale*, edição crítica. Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1974, t. II (Em dois volumes e quatro fascículos, são transcritas todas as anotações a partir das quais o CLG foi elaborado); DE MAURO, Tullio. *Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*. Paris: Payot, 1973 (Contém informações biográficas e bibliográficas muito completas, comentários explicativos e citações das anotações dos alunos quando elas fornecem variantes importantes); SAUSSURE, F. *Premier et troisième cours d'après les notes de Riedlinger et Constantin* (Texto estabelecido por Eisuke Komatsu, universidade Gakushuin, coleção “Recherches université Gakushuin”, n. 24, 1993).

A partir do postulado saussuriano de que a língua é um sistema de signos e que esse sistema exprime idéias como outros sistemas de linguagem, Paula Sobral, em seu artigo, propõe a escrita como um sistema e busca discutir seu funcionamento. A autora marca a importância da materialidade do traço na escrita, que diferencia o signo gráfico do signo lingüístico.

Mônica Nóbrega enriquece este número especial, abordando os motivos pelos quais Saussure, embora acusado de “excluir” o sujeito de seus estudos, forneceu elementos para a construção de uma teoria em torno do sujeito, tal como a psicanálise lacaniana. Partindo do pressuposto de que entre Lacan e Saussure não há subversão, mas sim, um frutífero diálogo, a autora mostra até que ponto se pode pensar na noção de sujeito a partir de Saussure.

Em “Saussure e a definição da língua como objeto de estudos”, Rômulo Rodrigues faz uma excelente contextualização do Curso de Lingüística Geral, a fim de mostrar como se deu o processo de delimitação da língua como objeto a ser estudado por uma ciência da linguagem, a partir do qual se originam as ciências humanas no século XX.

Maurício Eugênio Maliska, em seu artigo “Saussure e a voz”, destaca o papel fundador da voz na teoria saussuriana. O autor mostra que, ainda que a Lingüística tenha negado espaço ao reconhecimento da importância da voz, a consideração desta se faz, mesmo que indiretamente, na lingüística saussuriana. É a voz pressuposto fundamental para a construção da noção de signo, que funda a ciência da linguagem.

O instigante artigo de Elisângela Teixeira e Helena Martins revela um dos principais motivos da obra de Saussure estar em constante investigação durante mais de cem anos apesar de todas as evoluções científicas desde então. As autoras mostram como o pensador genebrino, simultaneamente, adere e reage à perspectiva representacionista, de modo que se vincula à atividade estruturalista e, ao mesmo tempo, se mantém vivo a outras perspectivas surgidas posteriormente.

Sandra Porsche aborda as críticas a Saussure feitas por Volochínov/Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. A autora defende a tese de que Volochínov desconhecia a obra saussuriana apontando inconsistências na argumentação do autor russo. Sem desmerecer a obra russa, Porsche aponta aproximações entre os pensamentos de Saussure e Volochínov.

Como organizadores desta edição especial sobre o legado saussuriano, desejamos uma boa leitura a todos e agradecemos toda a dedicação de nossos colaboradores.